

Tema que **assusta** recebe direção **serena**



Divulgação

Costa-Gavras em pausa no set de filmagens de 'Uma Bela Vida'

Filmes do Estação/Divulgação



Pacientes em estado terminal encaram o fim nas raias da dignidade em 'Uma Bela Vida'

O assunto assusta, mas a sua-
vidade impressa pela mon-
tagem de Loanne Trevisan
(em duo com o próprio Cos-
ta-Gavras) atenua a inquietação que “Uma
Bela Vida” provoca ao retratar gentes que
estão em fase de adeus. Elegância é o termo
que melhor define sua narrativa. Uma paleta

de cores brandas guia a direção de fotografia
de Nathalie Durand, feita de planos curtos,
sem aeróbicas da câmara. O enredo por ve-
zes flana por uma linha filosófica de plená-
ria, mas foge de didatismos.

Um livro escrito pelo médico Claude
Grange e pelo jornalista e filósofo Régis
Debray, chamado “Le Dernier Souffle: Ac-

compagner La Fin De Vie” (ed. Gallimard),
é a base do roteiro, escrito por Costa-Gavras
com uma acurada atenção a diálogos colo-
quiais e a falas poéticas. “O Diabo mora nos
detalhes” é a frase mais recorrente na tela.
Ela pontua um paralelo entre a agonia dos
corpos (ora idosos, ora jovens) com a atual
situação social do Velho Mundo, em relação

a ações assistenciais. Um continente, o Ve-
lho Mundo, ganha protagonismo e expõe o
quanto suas tradições parecem estar em fase
terminal.

Em cena, o doutor Augustin Masset
(Kad Merad, astro de popularidade GG
na França) e o renomado escritor Fabrice
Toussaint (Denis Podalydès, em inflamável
atuação) discutem formas de dar assistên-
cia a pacientes prestes a morrer. Fabrice está
doente e corre perigo. Nas conversas deles,
um turbilhão de emoções é revisitado. Em
vários encontros, o médico é o guia e o en-
saísta é o seu passageiro. Os dois são levados
a confrontar os próprios medos e ansieda-
des, num balé poético, em que cada paciente
tem o seu drama pessoal narrado, gerando
um mar de risos e lágrimas, fintando as con-
venções de gênero da “ficção hospitalar”,
famosa por séries como “E.R.: Plantão Mé-
dico” e “Sob Pressão”.

A diva inglesa Charlotte Rampling en-
carna a primeira paciente a ser abordada, a
Sra. Sidonie, e dá um espetáculo particular
no papel de uma enferma que anseia por par-
tir em paz, sem que o seu calvário se prolon-
gue. Além de Charlotte, estrelas de gerações
diversas entram em cena, em pequenas par-
ticipações. Estão lá Françoise Lebrun, Hiam
Abbass e Karin Viard. Xavier Legrand,
diretor de “Custódia” (2017), bate ponto
no elenco também, assim como a filha de
Costa-Gavras, Julie Gavras (realizadora de
“A Culpa É Do Fidel”), e seu filho, Romain
Gavras (o diretor de “O Mundo É Seu”).

Há situações alarmantes entre os casos
analisados por Fabrice e Masset em “Uma
Bela Vida”, como o da jovem vítima de um
tumor no seio que não aceita seu destino.
Há, por outro lado, situações lúdicas, como
a da cigana que festeja a sua ancestralidade às
vésperas de partir.

Na escuta atenta a diferenças culturais,
Costa-Gavras acolhe um pensador senega-
lês que critica o método europeu do “health
care” (do cuidado paliativo) que isola os
doentes em camas de hospital em vez de
aproximá-los da natureza e celebrar as suas
vivências longevas. É um debate polifónico.
É Costa-Gavras a ser Costa-Gavras, ocu-
pando seu lugar habitual de criar panópti-
cos nos quais a situação é vista por múltiplos
vértices. Pouco se fala de fé. Fala-se mais de
futuro, ou seja, da hipótese de um término
de vida sem dor. Não é um tratado sobre
pontos finais, é um debate sobre o porvir.

Egresso de uma vila do Peloponesso co-
nhecida como Loutra-Iraias, naturalizado
francês, Costa-Gavras conjuga “morrer” na
desinência da coragem, como tudo o que
fez... e faz... e fará.